

DO IMPRESSO AO DIGITAL – DESAFIOS DA HIPERLEITURA. O CASO DOS E-BOOKS –

Joana Querido Gomes

ESE-IPP / ISCAP/ CLUP

Portugal

joanaqueridogomes@gmail.com

Introdução

O presente artigo parte de uma reflexão sobre as mudanças introduzidas pela era digital na relação do leitor com o texto para refletir sobre algumas implicações/modificações associadas à leitura de um produto digital em particular, o livro eletrónico.

Tendo por base o método comparativo e a categorização proposta por Len Unsworth (2006) para os livros digitais infantis, serão analisados alguns exemplares de *e-books* nacionais na tentativa de apurar implicações significativas no ato de ler, intrinsecamente relacionadas com a natureza do seu suporte.

1. Alterações da era digital e o nascimento da hiperleitura

As alterações decorrentes da era digital provocam mudanças na experiência da leitura, conduzindo a uma nova forma de ler, com uma designação própria: a hiperleitura (Dresang, 2008; Marcuschi, 2004; Novaes, 2007) e ao desdobramento do conceito de literacia, emergindo, assim, a designação de literacia digital.

A noção de literacia digital ultrapassa em larga medida o conceito de destreza tecnológica, pressupondo um conjunto de competências cognitivas, emocionais, motoras e sociológicas (Eshet-Alkalai, 2004; OCDE, 2011).

Nesse sentido, a conceção de literacia digital enquanto literacia tecnológica contempla apenas as capacidades demonstradas pelo utilizador na utilização de softwares, avaliando a competência instrumental do utilizador na sua relação com as tecnologias. É, assim, uma literacia informática que pressupõe uma aprendizagem sobre computadores e não com computadores (Jonassen, 2000)

O conceito de literacia digital proposto por Eshet-Alkalai (2004), tal como podemos analisar no seguinte diagrama, é algo bem mais abrangente que compreende uma série de literacias: literacia da informação, literacia da reprodução, literacia foto-visual, literacia ramificada e literacia socioemocional.

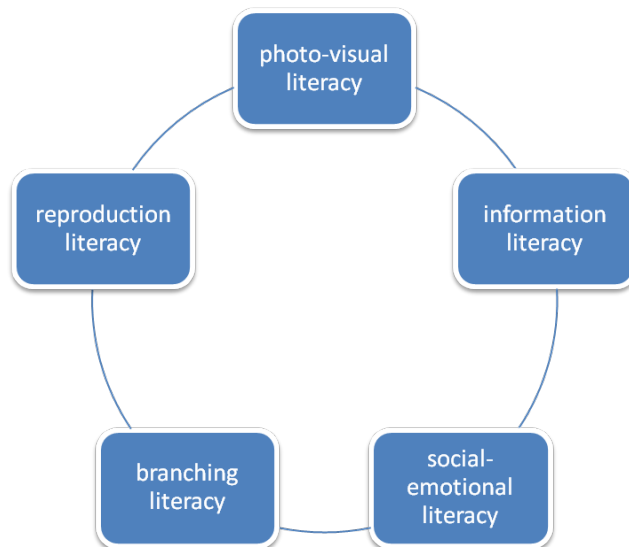


Fig. 1. Literacia digital (Eshet-Alkalai, 2004)

A literacia da informação “vai para além da mera compreensão e decodificação de textos, para incluir um conjunto de capacidades de processamento de informação que os adultos usam na resolução de tarefas associadas com o trabalho, a vida pessoal e os contextos sociais.” (Silva, 2007) Num ambiente digital, em que a informação circula a um velocidade estonteante e num número incontável, torna-se extremamente importante ter em conta a capacidade de filtrar informação relevante e fiável, relativa a este tipo de literacia.

A literacia da reprodução avalia-se mediante a habilidade de (re)criar significados através da conjugação de diferentes tipos de informação já disponíveis e, nessa medida, requer uma certa reciclagem artística da informação.

A literacia foto-visual compreende a habilidade de interpretar todo o tipo de informações icónicas que povoam o universo digital. Segundo o mesmo autor, esta capacidade é mais desenvolvida em camadas mais jovens da população, nos chamados nativos digitais, que por uma constante exposição a informações de tipo visual veiculadas pelos media se tornaram mais hábeis na sua compreensão.

A literacia socio-emocional considera as capacidades de o indivíduo interagir com o outro em ambientes digitais. Nesse sentido, tem em conta a sua habilidade em partilhar informação e emoções de forma equilibrada e de se proteger de possíveis fraudes advindas de interações com interlocutores desconhecidos. É considerada por Eshet-Alkalai uma das mais complexas porque exige do utilizador uma capacidade crítica muito apurada. Em certa medida, podemos relacioná-la com a literacia da informação uma vez que ambas requerem do leitor/utilizador uma grande capacidade de seleção entre o que é pertinente e o que não é, entre o que é fiável e o que não é.

A literacia ramificada, de uma forma geral, prende-se com a capacidade de navegação em ambientes não lineares. Para além de uma destreza tecnológica, requer-se um certo grau de pensamento abstrato e uma elevada capacidade de orientação no espaço digital.

Uma análise à proposta de definição de literacia digital proposta Eshet-Alkalai permite-nos concluir que o conceito em causa integra não só literacias exclusivas do ambiente digital. Algumas das literacias - a ramificada e a de reprodução - pela sua natureza são específicas do ambiente digital, ao passo que as restantes – foto-visual, de informação e socio-emocional – podem ser avaliadas também noutros ambientes/suportes.

Diretamente relacionada com a literacia ramificada está a noção de conectividade pressuposta pelo hipertexto. A noção deste último conceito pode circunscrever-se a um ambiente mais restrito como o digital ou integrar-se num âmbito mais geral.

Se entendermos hipertexto como algo exclusivo ao mundo digital¹, podemos defini-lo como “um texto ou textos com ferramentas de navegação e funcionalidades que permitem ao leitor ir de uma página à outra ou de um local para o outro” (OECD, 2011). Trata-se de algo que pressupõe conectividade, através das ligações estabelecidas por meio de nós de informação e *links* e interação entre o utilizador e o aparelho digital.

No dicionário *The Literacy Dictionary. The vocabulary of Reading and writing* de T. Harris e R. Hodges (2005) entendem hipertexto como “in a computer use, a sophisticated branching program that allows the user to move among or relate text, graphics, and sound data in new patterns in any desired order”. Esta definição permite-nos entender uma outra propriedade do hipertexto, a sua multisssemiose que se traduz na capacidade de combinar elementos significativos de natureza diversa: visual, verbal e sonora.

Do ponto de vista da receção, autores como Koch (2005) consideram que o hipertexto não é exclusivo do suporte digital, advogando que todo o texto é ao mesmo tempo um hipertexto, tendo em conta as remissões internas existentes no próprio texto.

Na mesma perspetiva, Coscarelli (2009) entende que as definições de hipertexto² também contemplam “textos que não estão em ambiente digital, pois a presença de títulos, subtítulos, índices, pés de página, as redes causais, as cadeias referenciais entre tantos elementos do texto, fazem parte de textos do modo geral, não sendo particularidade dos textos em ambiente digital”.

Apesar de diferentes, ambas as perspetivas parecem admitir que o hipertexto se organiza através de uma série de conexões, sejam estas realizadas em ambiente digital ou não.

2. A hiperleitura como nova forma de ler o mundo

A era digital introduziu alterações no ato de ler, proporcionando o nascimento de um novo conceito de leitura, a hiperleitura. Atendendo a que, nas palavras de Marcuschi (2001) “o suporte não muda o conteúdo, mas nossa relação com ele (...)”, torna-se

¹ Para autores como Novaes (2007) o hipertexto é sinónimo de um texto em suporte digital.

² Ao longo do artigo, adotaremos a perspetiva de Hodges e Harris (2005) e da OCDE (2011) sempre que nos referirmos a hipertexto, atendendo a que esta noção nos parece mais pertinente para o tratamento de questão em apreço.

necessário analisar as propriedades inerentes ao suporte digital para tentarmos compreender em que medida interferem na leitura. Partindo dos contributos para a classificação hipertexto de Lévy (1993) e Marcuschi (2001), consideramos a seguinte série de características da hiperleitura: multilinearidade, multisequencialidade, volatilidade, espacialidade topográfica, multissemiótica, multicentramento, interatividade e intertextualidade.

A não linearidade ou multilinearidade é característica dos conteúdos em suporte digital e permite muitas vezes distinguir o suporte digital do suporte impresso. Esta propriedade resulta do facto de a informação se estruturar hierarquicamente e em rede. Estas redes podem ser acíclicas, quando possibilitam o acesso à informação por mais de uma via, ou cíclicas nos casos em que conferem a possibilidade de retorno à informação.

O facto de o texto digital não obedecer a uma organização linear levou Santaella (2004) a considerar a leitura eletrónica como uma “leitura imersiva”. No seu entender este novo tipo de leitura “exige seletividade para que o leitor não se perca nos mares virtuais”. Associada a esta multilinearidade e ao princípio da reversibilidade, está a multisequencialidade, na medida em que é pelo facto de o texto não se estruturar de forma linear que não há apenas uma sequência a seguir. Cada leitor/utilizador tem a liberdade de seguir o seu próprio caminho.

Outra das propriedades apontadas ao hipertexto é a volatilidade. Esta característica diz respeito diretamente ao próprio suporte que é muito flexível, permitindo constantes atualizações e a colaboração de vários autores. Na perspetiva de Bolter (1991), esta mutabilidade, ao reduzir significativamente a distância entre autor e leitor, conduzindo o leitor ao papel de autor.

A multissemiótica faculta ao hipertexto a conjugação de uma multiplicidade de linguagens verbais, sonoras e visuais que, de acordo com José Augusto Nascimento (2009), é possível graças à plasticidade própria do código binário, sobre o qual se estrutura a linguagem digital. À fusão do hipertexto com os vários formatos multimédia - texto, áudio, vídeo, imagem, animação e gráficos – dá-se o nome de hipermédia³, considerada por

³ Para Berk e Devlin (1991), autores do manual sobre Hipertexto/Hipermédia, a noção de hipermédia é sinónima de hipertexto.

Jonassen (2000) como uma ferramenta cognitiva que potencia a construção do conhecimento.

De acordo com Maria Cláudia Pan e Lúcia Vilarinho (2008), “o hipertexto veio alterar nossa noção de textualidade, pois é um texto plural, que não possui um centro discursivo e margens.” A afirmação destas autoras remete-nos para duas outras propriedades do hipertexto: o multicentramento e a espacialidade topográfica.

O multicentramento está relacionado com a fragmentariedade do hipertexto⁴ e com a ausência de linearidade e a consequente multisequencialidade. A espacialidade topográfica hipertextual é definida por um espaço sem margens nem fronteiras que recusa frames pois não tem limites para a incorporação de texto.

Outra característica inerente a este suporte é a interatividade⁵. Por essa razão, na opinião de José Augusto Nascimento (2009), a leitura hipertextual manifesta propriedades que proporcionam uma “leitura interativa-navegativa”. Em termos de interatividade, Francis Kretz (1985 *apud* Santaella, 2004), distingue vários tipos – interatividade zero, interatividade linear, interatividade arborescente, interatividade linguística, interatividade de criação e interatividade de comando contínuo. Para a questão em apreço, são de destacar a interatividade linguística e, sobretudo, a interatividade de tipo arborescente, intimamente relacionada com o hipertexto.

Não sendo a intertextualidade uma característica exclusiva do texto digital, torna-se mais fácil, neste suporte, perceber a sua manifestação graças à existência dos *links* que estabelecem conexões de diversos tipos: associações semânticas, expansões, definições e exemplos (Rouet, 1996 *apud* Novaes 2007). Para além de diferentes quanto à tipologia, os *links* podem, de acordo com Xavier (2002 *apud* Novaes 2007), cumprir diferentes funções: deítica, quando contribuem para focar a atenção do leitor; coesiva, quando articulam devidamente informações e cognitiva, sempre que potenciam a construção de sentido pelo leitor.

⁴ Esta fragmentariedade, na opinião de Bolter (1991) não traduz desintegração mas uma constante necessidade de reorganização, propriedade que determina a coerência dos textos eletrónicos e contribui para a redefinição de unicidade de escrita.

⁵ De acordo com Ana Amélia Carvalho (2002), a interatividade “dá ao utilizador poder e controlo sobre o documento, resposta imediata do sistema, possibilidade de navegar ao ritmo pessoal e acesso a parte da informação de cada vez, podendo suscitar curiosidade e descoberta”.

Todas estas características combinadas num suporte de natureza diferente do tipográfico implicam alterações no modo de o leitor se relacionar com o texto. A esse propósito, Nonato (2006) enumera as seguintes habilidades associadas ao hiperleitor:

- a) Domínio da habilidade alfabética tradicional;
- b) Domínio das habilidades de interpretação tradicionais;
- c) Domínio das habilidades de navegação na rede;
- d) Maturidade para construir elos autónomos no hipertexto;
- e) Autonomia interpretativa para a construção dos elos no hipertexto;
- f) Criticidade na seleção dos elos e nós que contribuem para o objetivo proposto;
- g) Criticidade no descarte dos elos e nós desnecessários.

Excetuando as duas primeiras destrezas, comuns ao leitor do suporte impresso, as capacidades apresentadas são exclusivas da leitura eletrónica. A terceira habilidade é de ordem tecnológica e vai ao encontro da noção instrumental de literacia digital. As quatro últimas pressupõem as capacidades inerentes à literacia ramificada, tratada no ponto anterior.

A maturidade que o hiperleitor manifesta ao selecionar e construir os elos autonomamente torna-o uma espécie de “co-autor” do texto na medida em que “recria e ressignifica os caminhos que lhe são apresentados de antemão.” (Motta, 2009). Neste sentido, o hipertexto é, recuperando as palavras de Jonassen (2000), um “supertexto” na medida em que “o leitor tem muito maior controlo sobre o que é lido e sobre a sequência de leitura”. Tal potencia a compreensão do texto e amplia a motivação para a leitura. A hiperleitura é, assim, um processo interativo e colaborativo, em que o leitor tem um papel ativo e significativo na criação do sentido do texto.

3. Leitura em suporte digital: o caso particular dos e-books

Após uma análise das propriedades do hipertexto e das suas implicações no modo de o leitor se relacionar com o texto, iremos procurar concentrar a atenção num fenómeno particular, os livros digitais, inseridos num âmbito mais vasto que é a hiperleitura.

Entende-se por *e-book* o “conteúdo digital ou digitalizado destinado a ser publicado e acedido electronicamente, o que implica o recurso a equipamentos electrónicos e a software”. (Furtado, 2002)

Trata-se, assim, de um texto apresentado digitalmente que pode consistir na digitalização de um texto anterior ou ter raiz digital e ser acedido através de computadores, telemóveis, e-readers, entre outros equipamentos, fixos ou móveis.

3.1. Para uma tipologia dos livros digitais

A definição de livro digital tratada em 3. dá-nos pistas sobre a existência de uma certa diversidade abrangida pelo conceito. Sabemos que a mesma designação permite incluir quer textos digitais quer textos digitalizados.

Na tentativa de descobrir regularidades e de identificar continuidades e descon continuidades, com recurso ao método comparativo, tentaremos enquadrar os livros analisados na tipologia proposta por Len Unsworth (2006) que considera a existência de três tipos diferentes de livros digitais dividindo-os em (cf. fig 2):

- literatura digital de raiz;
- literatura re-contextualizada num ambiente digital;
- literatura ampliada digitalmente.

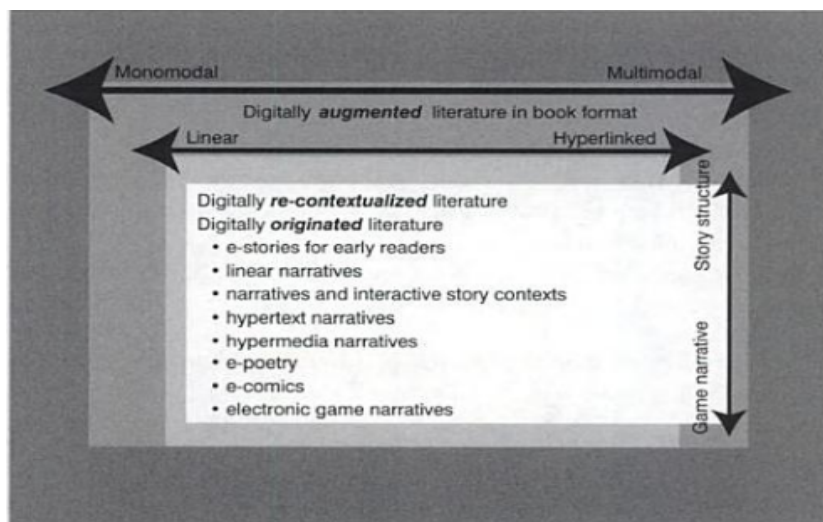


Fig. 2 – Livro digital e livro impresso – um continuum – Len Unsworth (2006)

Tal como podemos aferir da análise do esquema anterior, o autor propõe a existência de um *continuum* entre livro impresso e livro digital, podendo a diferente literatura oscilar entre uma versão monomodal e uma versão multimodal e entre uma organização linear e uma organização hipertextual.

A literatura digital de raiz e a recontextualizada podem ainda apresentar uma estrutura mais próxima da estrutura das histórias ou mais aproximada da narrativa dos jogos.

3.2. Um olhar sobre os livros eletrónicos nacionais

A partir da proposta de Len Unsworth (2006) discutida no ponto anterior, e numa perspectiva comparatista, procuraremos tecer algumas considerações sobre os livros nacionais em versão digital.

a) Literatura ampliada digitalmente

Tipográfica de raiz, a literatura ampliada digitalmente traduz as características físicas do original sem as adaptar. A leitura é monomodal e a organização linear, que lhe é típica, mantém-se.

A digitalização de livros, em âmbito nacional, é produtiva e faz-se mais recorrentemente com obras antigas e raras, com vista a facilitar o seu acesso remoto. É disso exemplo a fig. 3 retirada da Biblioteca Digital Camões, cuja folha de rosto pertence ao tomo I do Boletim de Filologia do Centro de Estudos Filológicos que data de 1932.

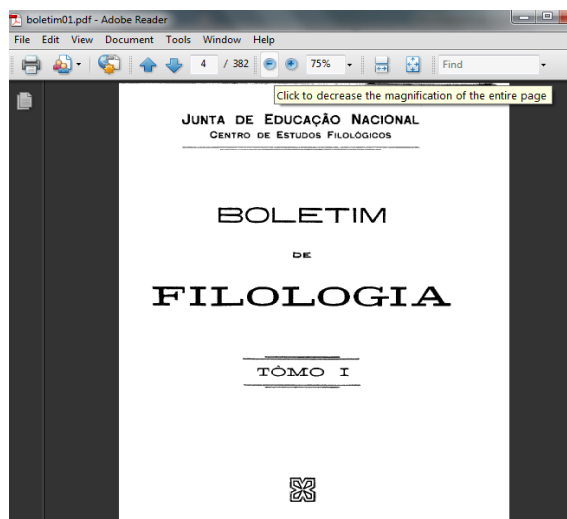


Fig.3 Boletim de Filologia do Centro de Estudos Filológicos (1932)

b) literatura re-contextualizada num ambiente digital

À semelhança da literatura ampliada digitalmente, a literatura re-contextualizada também não é literatura digital de raiz. No entanto, o facto de ter sido re-contextualizada e não digitalizada diferencia-a da anterior.

Para ilustrar este tipo de literatura serão fornecidos alguns exemplos em que a interatividade suscitada ao leitor varia.

Funciona como primeiro exemplo, o livro Maria Moisés de Camilo Castelo Branco disponível no endereço <http://www.livros-digitais.com>. À semelhança de outras obras disponíveis no mesmo sítio, o livro apresenta-se dividido por páginas sem margens nem frames atendendo a que o ambiente digital é um espaço aberto. Aquando da leitura, para o leitor aceder à página seguinte ou anterior basta clicar num botão para o efeito. Em todas as páginas, é disponibilizada uma espécie de índice, que mediante um clique, permite avançar ou recuar capítulos, para além de permitir perceber a organização da obra.

A Biblioteca de Livros Digitais do Plano Nacional de Leitura (<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/bibliotecadigital/>) dispõe igualmente de inúmeros exemplos de obras recontextualizadas. Tomemos como exemplo a obra *As moedas de ouro de Pinto Pintão* de Alice Vieira na qual em várias partes da história são integradas

animações com vista a auxiliar a compreensão da narrativa. Estas animações das ilustrações são acionadas por intermédio de um botão que, em simultâneo, apresenta o texto ao mesmo ritmo que a narrativa é explicada pela animação. Na mesma Biblioteca Digital, a obra *Joaninha Vaidosa* de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada é exemplo de uma narrativa que sofreu adaptações tornando-se multimodal e proporcionando uma significativa interatividade. Para além de conteúdos verbais, conjuga ilustrações com vídeo e som. Se clicarmos no centro da capa do livro, acedemos a um vídeo de apresentação da obra pelas autoras, cuja visualização pode antecipar sentidos. Ao longo do livro, se pretendermos, podemos também aceder à leitura gravada do livro, ao mesmo tempo que acompanhamos o texto.

Ainda na mesma biblioteca podemos ter acesso à versão digital do livro *A Cidadania de A a Z* de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada (PNL). Este livro promove a interatividade com o leitor através da disponibilização de exercícios, cuja correção pode ser verificada automaticamente.

Como último exemplo referimos a coleção *A aventura dos descobrimentos* disponível na Biblioteca digital Camões, cuja readaptação possibilita entre outras coisas a alteração da cor do fundo⁶ e o controlo áudio da leitura gravada.

c) *literatura digital de raiz*

Como exemplo desta literatura, podemos apontar o projeto História do Dia (<http://www.historiadodia.pt/pt/index.aspx>) que conta com António Torrado, como um dos colaboradores.

Todas as narrativas inseridas no projeto em questão são acompanhadas de uma ilustração, têm versão áudio disponível, possibilidade de envio e de impressão e permitem a alteração do tamanho da letra.

É interessante notar que apesar de entre o suporte impresso e digital existirem fatores de variação como a velocidade de leitura, o momento das pausas, a duração dos períodos de concentração e a frequência de saltos e de releituras (Furtado, 2002), estes

⁶ De notar que a cor de fundo, assim como o reflexo da luz, a resolução e as dimensões do ecrã têm interferências na qualidade e ritmo de leitura.

também não se manifestam da mesma forma em todos os livros digitais. Como vimos, os livros digitalizados são mais próximos dos livros impressos e por isso apresentarão resultados claramente diferentes dos livros digitais de raiz.

4. Conclusões

A análise das propriedades inerentes ao hipertexto como a multilinearidade e interatividade, entre outras, permitiu-nos apurar certas implicações que estas manifestam na relação do hiperleitor com o texto e encará-lo como uma espécie de co-autor.

A discussão comparada, tendo por base a proposta de classificação de livros digitais de Unsworth (2006) contribuiu para uma melhor perceção do conceito de livro digital e mais clara diferenciação dos diversos tipos produzidos em contexto nacional.

Para concluir, destacamos, de acordo com Sim-Sim (2009) os benefícios da leitura digital: motivacionais (estímulo e desafio), mnésicos (pela possibilidade de repetição do estímulo) e de automonitorização da aprendizagem.

Referências

Bibliografia

Berk, Emily / Devlin, Joseph (1991): [*Hypertext/hypermedia handbook*](#). Intertext Publications.

Carvalho, Ana Amélia (2002): *Multimédia: um conceito em evolução*. In: *Revista Portuguesa da Educação*, 15 (1), CIED - Universidade do Minho, 245-268.

Bolter, Jay (1991): *Writing Space. The Computer, Hypertext and the History of Writing*. Lawrence Erlbaum, Hillsdale: New Jersey.

Coscarelli, Carla (2009): *Textos e Hipertextos: procurando o equilíbrio*. In: *Linguagem em Discurso*, v. 9, n. 3, set/dez. Santa Catarina: Palhoça.

Dresang, Eliza (2008): *Radical Change Revisited: Dinamic Digital ages book for Youth*. In: *Contemporary Issues in Technology and Teacher Education*, 8(3), 294-304.

Eshet- Alkalai, Yoram (2004): *Digital Literacy: a Conceptual Framework for Survival skill in the Digital Era*. In: *Journal of Educational multimedia and hypermedia*, 139(1), 93-106.

Harris, T. / Hodges, R. (edd.) (2005): *The Literacy Dictionary. The vocabulary of Reading and writing*. Delaware : International Reading Association.

Jonassen, David (2000): *Computadores: ferramentas cognitivas*. Porto: Porto Editora.

Koch, Ingedore (2005): *Desvendando os segredos do texto*. 4. ed. São Paulo: Cortez.

Lévi, Pierre (1993): *As tecnologias da ciência*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Marcuschi, Luiz (2001): *O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula*. In: *Linguagem & Ensino*, vol. 4, 1, 79-111.

Novaes, Tatiane (2007): *Compreensão de leitura em diferentes suportes: estudo comparativo entre o impresso e o digital*. Tese de mestrado. Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina.

OECD (2011): *PISA 2009 Results: Students on Line: Digital Technologies and Performance*, volume VI.

Santaella, Lúcia (2004): *Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo*. São Paulo: Paullus.

Schneider, Sergio / Schimitt, Cláudia (1998): *O uso do método comparativo nas Ciências Sociais*. In: *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v. 9, 49-87.

Silva, Carina (2007): *A Literacia da Informação*. Vila do Conde: ESEIG.

Unsworth, Len (2006): *E-literature for children. Enhancing digital literacy learning*. London & New York: Routledge.

Webgrafia

FURTADO, J. A. *Livro e leitura no novo ambiente digital* [On-line], disponível em: www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/afurtado/index.htm [Consultado em: 05 Ag. 2012]

Motta, G. (2009): *Do impresso ao digital: as novas práticas de leitura e o acesso às bibliotecas*. [On-line], disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem01/COLE_3326.pdf [Consultado em: 09 Ag. 2012]

Nascimento, J. A. *A leitura Hipermedia: formando os leitores do século XXI* [On-line], disponível em:

<http://www.filologia.org.br/cluerjsg/anais/iv/completos/comunicacoes/Jos%C3%A9%20Augusto%20de%20Abreu%20Nascimento.pdf> [Consultado em: 12 Fev. 2013]

Pan, M.C / Vilarinho, L. *Leitura em suportes visuais: novo desafio na formação de professores* [On-line], disponível em: <http://www.rieoei.org/deloslectores/2363Pan.pdf>
[Consultado em: 11 Nov. 2012]

Sim-Sim, I. (2009): A leitura e o seu ensino: que desafios actuais? [On-line], disponível em:
http://www.gulbenkian.pt/media/files/FTP_files/pdfs/ConfEduc09/InesSimSim_Nov09.pdf
[Consultado em: 03 Nov. 2012]